

Nico Rezende  
lança álbum  
de inéditas

PÁGINA 4



Mostra de SP vai  
receber Francis  
Ford Coppola

PÁGINA 11



Um roteiro  
especial com pães  
imperdíveis

PÁGINA 15



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Realizado para celebrar a brasilidade no mês em que se comemora o Dia da Música Popular Brasileira (17 de outubro), o festival Clássicos do Brasil chega à segunda edição, de sexta a domingo (18 a 20) na Marina da Glória. O evento reúne nomes consagrados da MPB, do pop, do rock e do samba há gerações e artistas da nova cena musical que homenageiam e interpretam sucessos de ícones do rock e pop nacional. São mais de 20 horas de música com três dias de shows no palco montado em um dos cartões-postais da cidade.

O Clássicos do Brasil foi criado em 2023, com a proposta de celebrar as referências musicais das cinco regiões brasileiras por meio dos grandes clássicos das mais variadas vertentes da MPB. No primeiro ano, o Nordeste foi a referência. Em 2024, as atrações são predominantemente do Sudeste.

O festival marca o retorno do integrante dos Titãs, Branco Mello, aos palcos cariocas após um período de afastamento médico por conta de uma cirurgia nas amígdalas. Ele se juntará a Tony Bellotto e Sérgio Britto para apresentar o Show Elétrico 2024, que reúne os maiores sucessos da banda e do recente álbum, "Olho Furta-Cor".

O Ira! mostrará ao público canções marcantes dos seus 40 anos de estrada e Biquini Cavadao, que também celebra quatro décadas de carreira, apresentará o novo álbum "Vou Te Levar Comigo", lançado essa semana. O disco contempla duetos inusitados com Péricles, Guilherme Arantes, Fagner, Sidney Magal, Matheus & Kauan e Falanansa.

Samuel Rosa apresenta seu recente álbum solo, "Rosa", com canções novas como "Segue Segue o Jogo", "Rio Dentro do Mar" e "Flores da Rua", que atualmente faz parte da trilha sonora da novela Mania de Você (TV Globo).

Maria Gadú, que também canta na sexta, finaliza a turnê do quarto álbum "Quem Sabe



## Do samba ao rock... Do rock ao samba

Clássicos do Brasil chega à Marina da Glória com sua segunda edição focando em artistas do Sudeste

Isso Quer Dizer Amor". E domingo Alcione traz suas canções atemporais que embalam todos os tipos de público e Simone dá mais uma chance aos fãs de conferirem o show da turnê "Tô Voltando", que celebra os 50 anos de carreira da cantora.

### SERVIÇO

CLÁSSICOS DO BRASIL  
Marina da Glória (Av. Infante Dom Henrique, S/Nº)  
18/10: Julia Mestre canta Rita Lee (20h), Maria Gadú (21h30), Samuel

Rosa (23h) e Nando Reis (0h30) | 19/10: Ana Cañas canta Cazuza (19h), IRA! (20h30), Biquini Cavadao (22h30) e Titãs (0h30) | 20/10: Tacy (16h), Alcione (18h30), Simone (20h) e Diogo Nogueira (21h30) | Entre R\$ 100 e R\$ 300



# É sempre hora de 'Sambasá'

Roberta Sá volta ao Circo Voador com seu show em clima de roda de samba

Ela é potiguar, mas abraçou o samba com gosto a ponto de transformar sua trajetória musical. "O Sambasá veio para fazer parte da minha vida e vou apresentá-lo sempre que houver oportunidade", avisa a cantora Roberta Sá que volta ao Circo Voador nesta sexta-feira com seu show assumidamente inspirado no clima das rodas de samba.

O samba ganhou espaço privilegiado na discografia da artista e em suas apresentações ao vivo. E um importante capítulo dessa história é o "Sambasá", projeto composto por show, disco de estúdio e audiovisual.

No roteiro, as canções do repertório da cantora se mesclam a alguns sucessos de nomes como Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz e Martinho da Vila. A força feminina no samba



Roberta Sá:  
'O Sambasá  
veio para  
fazer parte  
da minha  
vida'

Divulgação

é lembrada e reafirmada através de clássicos de Dona Ivone Lara, Alcione, Jovelina Pérola Negra e Beth Carvalho.

No setlist do show estão previstas as faixas lançadas no projeto, como "A Roda" (Wanderley Monteiro / Deco Romani), "Sem Avisar" (Wanderley Monteiro), "Antes Tarde" (Negô Álvaro / Marcos Maia), "Luz da Minha Vida" (Toninho Geraes / Chico Alves) e "Nossos Planos" (Fred Camacho / Leandro Fab / Carlos Caetano), além de algumas canções tradicionais em seu repertório, como "Samba de Um Minuto" (Rodrigo Maranhão) e "Interessa" (Carvalhinho), ambas do disco "Que Belo Estranho Dia Pra Se Ter Alegria"; e "Ah, Se Eu Vou" (Lula Queiroga), de "Brasero". E "Amanhã é Sábado", feita por Martinho da Vila especialmente para Roberta gravar.

No palco, Roberta será escoltada por músicos mais que tarimbadas nas manhas de um bom batuque: Alaan Monteiro (cavaquinho e direção musical), André Manhães (bateria), Gabriel de Aquino (violão) Rodrigo Ferreira (baixo) e Thiaguinho Castro (pandeiro, congas, caixa, repique de anel, tamborim, efeitos).

Antes e depois do show, o DJ Júlio EleMesmo ataca com repertório que vai do samba ao funk, da MPB ao mambo, e por aí vai.

## SERVIÇO

### ROBERTA SÁ - SAMBASÁ

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº)

18/10, a partir das 20h (abertura dos portões) | A partir de R\$ 80 (meia) e R\$ 160

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

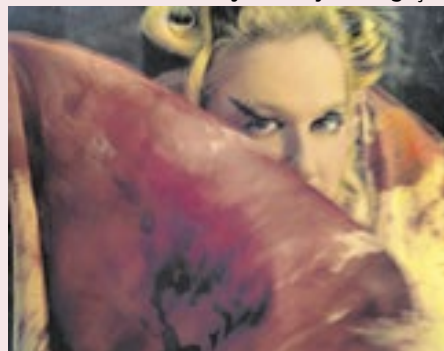
Tyno Cruz/Divulgação



### Roda na Rua

O Roda na Rua, tradicional evento de roda de samba do Al-Farabi (Rua do Mercado, 34) recebe neste sábado (19), a partir das 14h, o músico Gabriel da Muda, que faz parte de importantes movimentos populares de samba na cidade. "Eu estou muito feliz em fazer uma roda de samba novamente nessa região especial do Centro do Rio. Meu repertório vai ser baseado em sambas de terreiro e partido alto", avisa Gabriel.

Gustavo Zylbersztajn/Divulgação



### Cultivando raios

Para comemorar os 10 anos de "Rainha dos Raios", Alice Caymmi apresenta nesta sexta e sábado (18 e 19) uma versão íntima e intimista do aclamado disco e show agora adaptado para "Rainha dos Raios: a Fúria", em voz, violão e guitarra. A artista apresenta em "Rainha dos Raios" nove gravações de arranjos inventivos que não deixam nada no lugar convencional, mergulhando fundo na recriação da criação alheia.

Andre Greco/Divulgação



### Na íntegra

A banda capixaba Supercombo chega neste sábado (19) ao Circo Voador para tocar na íntegra um dos álbuns mais representativos e elogiados da sua carreira. "Piloto Automático", "Sol da Manhã", "Soldadinho" e "Amianto" são alguns dos sucessos desse clássico do rock alternativo nacional. Completando a noite, dois nomes que vem se destacando na cena do underground carioca: Lunoz e Molduras.

Divulgação



### Cria de Hermeto

Discípula de Hermeto Pascoal, a multi-instrumentista Carol Panesi apresenta neste sábado (19), às 17h, na Sala Cecília Meireles, show com o repertório de "Natureza é Casa", seu quinto álbum, que entrelaça performance, poesia, arranjos e improvisos, com uma riqueza de timbres e instrumentos. Ela é acompanhada pelos músicos Ajurinã Zwarg (bateria, percussão e sax soprano) e Fábio Leal (guitarra).

Show no Blue Note Rio marca o lançamento do álbum 'Primeira Vez'

**Q**uarenta anos regados de música. Assim Nico Rezende resume sua trajetória artística. O cantor e compositor sobe ao palco do Blue Note Rio neste sábado, 22h, para o show de lançamento de seu mais novo trabalho, o álbum "Primeira Vez". É o 10º disco autoral, sendo lançado 40 anos depois de sua estreia fonográfica: um compacto simples datado de 1984.

"Primeira vez" é o primeiro trabalho autoral de Nico desde "Piano e voz" (2012), e traz participações de amigos queridos do artista como Isabella Taviani em "Primeira vez" (parceria com Nelson Motta), que dá título ao álbum; Roberta Campos em "Um amor puro" (parceria Nico/Roberta), e também Ive, na faixa "Esquece e vem", (parceria com Paulinho Lima).

O álbum foi concebido e teve

todas as bases gravadas no estúdio de Nico, o Studiobeat, e finalizado com baterias, baixos e metais no Estudio 2, de André Vasconcelos e

Fabricio Matos.

"Primeira vez" é uma melodia que passeou pelos meus ouvidos até ser gravada e enviada pro Nelsi-

nho fazer a letra, um antigo sonho de consumo. Quando recebi a letra e toquei no piano, as lágrimas brotaram, tamanha sensibilidade,



Nico Rezende lança seu primeiro álbum de canções inéditas em 12 anos

Leo Zulluh/Divulgação

encaixe e precisão dos versos com a melodia", conta o músico.

"Foi uma alegria a parceria com o Nico, que sempre admirei, nessa baladaça bem romântica, como eu gosto, e letra e música se misturam com naturalidade. É de chorar.", devolve Nelson.

Já Isabella trouxe um sabor especial, convidada pelo amigo André Neiva, e arrasou na interpretação. "Um amor puro" foi uma música escrita em plena pandemia, em parceria com a Roberta Campos, um amor de pessoa, uma menina iluminada e uma compositora de mão cheia. Enviei a melodia pra ela, que me retornou rapidamente com essa letra maravilhosa. Um presente que deixa seus sinais. Gravamos as vozes, eu no Rio e ela em Sampa, depois fizemos um clipe no Rio de Janeiro e a coisa fluiu pra uma segunda canção, ainda inédita. Um presente!", destaca o artista.

#### SERVIÇO

NICO REZENDE - PRIMEIRA VEZ  
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)  
19/10, às 22h  
Ingressos a partir de R\$ 60

#### CRÍTICA / DISCO / SONHANDO O BRASIL

Por Aquiles Rique Reis\*

Hoje daremos atenção a "Sonhando o Brasil" (independente), álbum de Ricardo Herz com o trio que ele formou com Pedro Ito (bateria e percussão) e Fábio Leandro (piano). Todas as músicas foram escritas por Ricardo Herz, bem como, também, a concepção e os arranjos, estes com contribuições de Leandro e Ito.

A tampa abre com "Coco Embolado", que vem levantando poeira. Segue-se um intermezzo arritmico de violino e piano. Logo o coco volta a embalar. O piano se destaca num improviso, bem como a bateria. Tacet, o violino os aguarda para voltar arritmico, mas logo ensandecendo e fazendo o couro voltar a comer! O piano toca notas soltas. A pisada arrefece. A bateria vai leve, até o coco reacender o ritmo.

## Um álbum instrumental da mais alta qualidade

Em "Afrosudamérica", o violino e a bateria na caixa iniciam. Logo o piano e o violino se dão à melodia. A levada é lenta. A bateria agora se vale de suas peças para apoiar o violino. Volta o piano em destaque, num improviso adequado à música. Aos poucos, o violino se aproxima dele e à bateria. O tema rola suingado. A bateria se vale dos pratos para fechar o assunto. A dinâmica prevalece e, nos compassos restantes, encaminha o final.

Já em "Melodiamonos", o piano abre, o violino vem a seguir. Arritmico, a melodia é delicada. O violino sóla, e a flauta em dó de Léa Freire lhe faz duo, mas logo dele se des-



garra e protagoniza. O violino vem em seu apoio. A música que a todos ampara fez com que todos "melodiassem".

Na "Siribobéia", o violino é destaque, no ritmo arisco. O piano o

acompanha com um desenho que se repete. A bateria segura a onda, o piano traz o improviso para si e os dois se entregam ao encanto rítmico e harmonioso da composição. O clima é megacriativo. Segue-se um vocalise da cantora Tatiana Parra, que a todos seduz. O piano retoma o desenho inicial. O violinista instiga e faz miséria com as cordas! O arranjo leva tudo, vozes (Parra e Herz) e instrumentos, a um tempo inspirado.

Com "Sonhando o Brasil no Frevo" temos um violino formidável, tocando em pizzicato, em arranjo esperto. O violino segue. E, com o arrefecimento da pegada, a

flauta baixo de Léa Freire pede passagem. Seu sopro aveludado impõe respeito e leva felicidade ao ouvinte. Agora com a flauta em dó, o esmero do instrumentista induz ao frevo, incrementado pelo pianista. A bateria arrasa. O violino reassume o fervor do frevo e leva ao final.

Em "Pé Desliza", violino e piano soam em blocos sonoros aleatórios. O balanço contagia. Sabendo que, com esse arranjo, a tampa de Sonhando o Brasil logo fechará, o ouvinte põe-se em alerta máximo, pois nada poderia ter-lhe fugido aos ouvidos. Mas como, possivelmente, inúmeros detalhes poderão ter escapado dos ouvidos do ouvinte nas audições, há solução: o trabalho do trio de Ricardo Herz está nas plataformas de música para quem quiser dar-lhe tento e confirmar suas qualidades.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

Equipe responsável pelo festival paranaense vem ao Rio selar parcerias e anunciar novos projetos

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O espetáculo “Daqui Ninguém Sai” foi anunciado como a primeira atração confirmada para fazer a estreia nacional no Festival de Curitiba de 2025. Inspirada nos contos e nas cartas trocadas por Dalton Trevisan com outros escritores, a peça será dirigida pela premiada atriz e diretora paranaense Nena Inoue.

O anúncio foi feito nesta semana no Rio quando toda a equipe do festival paranaense desembarcou na cidade para uma festa que marcou uma nova fase do evento, que celebra 33 edições em 2025 e já pode ser considerado um dos mais longevos e tradicionais do país. Um coquetel no Teatro Rival selou o patrocínio da Petrobras para o Festival e também lançou algumas novidades para o próximo ano, como a plataforma Fringe, que reunirá notícias sobre cultura, resenhas, críticas e entrevistas.

O novo portal, que tem o jornalista Sandro Moser como editor, já está em fase de testes e pretende repercutir e incentivar a cena artística brasileira durante todo o ano, com a curadoria da equipe de produção do Festival. A ideia é que toda a programação, o conteúdo e o acervo do Festival possam reverberar ao longo do ano por lá também, através de análises, entrevistas, resenhas e registros audiovisuais.

A noite contou com a presença maciça da classe teatral, entre



Acima, a equipe do Festival de Curitiba, um dos maiores eventos mundiais de arte cênica; ao lado, Leandro Knopfholz, um dos criadores do festival, e Maria Marighella, presidenta da Funarj

# Curitiba ainda é a capital brasileira do teatro

produtores, artistas, curadores e parceiros em geral. Entre os nomes, estava Maria Marighella (presidenta da Funarte) e artistas como Bruce Gomlevsky, Camila Pitanga, Guilherme Weber, Igor Fortunato, Maureen Miranda e Yohama Eshima.

A ocasião contou ainda com a noite de autógrafos do livro “Festival de Teatro de Curitiba”, da fotógrafa Lenise Pinheiro, que documentou todas as edições do evento.

Dirigido por Fabíula Passini

e Leandro Knopfholz, o Festival de Curitiba é um dos três maiores eventos de artes cênicas do mundo. Somente na última edição, o festival levou 200 mil pessoas aos teatros e espaços públicos da cidade. Durante duas semanas, a capital paranaense recebe mais de 200 espetáculos e intervenções artísticas, além das cerca de duas mil pessoas que chegam para se apresentar na cidade todos os anos. A edição de 2025 já tem data para começar: 24 de março.

A primeira edição do festival, em 1992, já contava com a apresentação de peças nacionais e internacionais. Estreias, reencenações, espetáculos locais para mostrar a força do teatro de Cidade, concretizaram o projeto de Leandro Knopfholz e Carlos Eduardo Bittencourt, na época com 18 e 22 anos, e organizado com a ajuda de Cássio Chamecki e Victor Aronis que, até hoje é o creme do creme da dramaturgia.

Em 1998, acontece uma novidade: o lançamento do Fringe

no Festival de Curitiba. A origem do termo remonta a 1947, no importante Festival de Edimburgo quando companhias de teatro, que não estavam na programação do Festival, resolveram criar um evento paralelo ao principal Festival de Edimburgo. Este espaço aberto, democrático e sem curadoria recebe companhias artísticas do Brasil e do mundo, que vêm ao evento em busca de visibilidade, audiência e crítica da imprensa especializada.



Vem viver mais.  
**.vem viver, o sesc** RJ

+experiências  
+cultura  
+diversão  
+educação  
+cidadania  
+saúde  
+sabor  
+inclusão  
+diversidade

**Comerciário,  
parabéns pelo seu dia.**

O Sesc RJ convida você, comerciário, para comemorar o dia 21 de outubro em uma de nossas unidades.

Venha curtir uma programação cheia de atividades, lazer e bem-estar. Afinal, quem faz a economia acontecer todos os dias merece um descanso e diversão.

VEM SABER +



[sescrj.org.br](http://sescrj.org.br)

portalsescrj

sescrj

sescrj

**A maior marca  
de bem-estar  
social do RJ**



CRÍTICA / TEATRO / A PALAVRA QUE RESTA

# O amor que não ousa dizer o nome

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Oscar Wilde foi preso. Alan Turing, o pai da computação, se suicidou na prisão. Em 2023, morreram de forma violenta no país 230 pessoas LGBTI, uma cada a 38 horas. O premiado romance “A Palavra que Resta”, de Steenio Gardel, se transforma em poema na peça que traz o retorno da Cia Atores de Laura.

Em cena, cinco atores do grupo - Ana Paula Secco, Charles Fricks, Leandro Castilho, Paulo Hamilton e Verônica Reis — e a convidada Valéria Barcellos que equilibram de forma perfeita a poesia do texto com os movimentos de corpo, pois se revezam em vários papéis, inclusive do protagonista.

A simplicidade dos personagens, gente comum, aqueles que exprimem o sertanejo é, antes de tudo, um forte se expressam nos figurinos do premiado Wanderley Gomes: macacões que parecem iguais, mas são diferentes, em uma construção artesanal no tingimento dos



Carolina Spork/Divulgação

A direção explora bem a movimentação dos atores em cena

tecidos, no cuidado dos recortes que funcionam para evidenciar o significado primeiro: todas as pessoas são absolutamente iguais.

A direção de Daniel Herz faz com que os atores se movimentem, se toquem, se expressem com os movimentos de corpo em um

ballet que varia do solo até o conjunto de todos. Essa corporalidade faz com que a atuação equilibrada se transforme em um destaque do mais puro talento de todo o grupo.

A beleza do texto lembra uma grande odisséia, pois o que se conta é o trajeto do herói, Raimundo, com suas “aventuras”, que é regido pela própria busca de um cálice sagrado: aprender a ler para saber o que seu amor adolescente lhe disse em uma carta quando se separaram.

A construção é meticulosa em todos os sentidos: a beleza evidenciada pelas vozes dos atores, a trilha musical que mostra as nossas raízes, o cenário com as molduras vazias, a lua cheia que nos ilumina e a cruz da penitência que toma o cenário. Como o rio, um personagem importante na trama, vemos escorrer as vidas, afogamentos, se deixar levar, mas os que se salvam quando entendem que é o que vale a pena é exprimir a individualidade.

## SERVIÇO

### A PALAVRA QUE RESTA

Teatro Correios Léa Garcia (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro)  
Até 2/11, de quinta a sábado (19h)  
Ingressos entre R\$ 15 e R\$ 80

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Tesouro circense

No espetáculo “Teco Teco”, dois palhaços - um metuloso arquivista e um dinâmico entregador - descobrem tesouros e relíquias esquecidas nas profundezas de um depósito mágico e misterioso. Esses achados se transformam em uma valiosa herança da rica história do circo brasileiro, entrelaçando-se com a vida do saudoso palhaço Teco Teco (1932-2021), notável professor da Escola Nacional do Circo que dedicou sua existência à arte circense. Ecovilla Ri Happy (Jardim Botânico). Sáb e dom, às 11h. R\$ 30 (meia). Até 3/11.

Renato Mangolin/Divulgação

Mauro Marques/Divulgação



### O gato cibernético

O Teatro Miguel Falabella, no Norte Shopping, recebe uma atração para crianças de todas as idades. Baseado no livro infantil homônimo de Mariana Mesquita, o monólogo “O Gato Subiu No Teclado” estreia com apresentações nos dias até 27 de outubro, aos sábados e domingos (17h). Encenada pelo ator e diretor Johayne Hildefonso, a peça fala sobre o amor dos felinos, o afeto pela poesia e as alegrias de quem aprende a ler e a escrever. Um monólogo com música, acrobacia e surpresas cênicas. O Gato Esperto deita e rola no teclado de um computador.



Divulgação



### Dose dupla

Depois de receber o Prêmio do Humor Fábio Porchat em 2023, quando o destaque foi a montagem “Esperando Beltrano”, indicada em todas as categorias, além do prêmio especial pelos 30 anos de carreira, os mímicos e atores cômicos Alvaro Assad e Márcio Moura estão em cena com as peças “Esperando Beltrano” (foto, adulto) e “Victor James – o menino que virou robô de videogame” (infantil). A temporada da Cia. Etc e Tal é comemorativa aos 30 anos de sucesso trabalhando com a arte gestual no teatro. Tudo acontece no Teatro Glauce Rocha até 20 de outubro.

Encontro de cinema negro que promove obras de realizadores brasileiros, africanos, caribenhos e de outras diásporas chega à sua 17ª edição

**E**spaço vivo de preservação da memória, o Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul celebra a ancestralidade e a resistência cultural. Este ano, celebrando 17 anos de existência, o evento será realizado em espaços culturais de excelência como o Cine Odeon, o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio (MAR), entre os dias 18 e 25 de outubro. O tema deste ano é “Fortalecendo Pontes”, tem o objetivo de unir cineastas, pensadores e públicos de diferentes partes do mundo, numa reunião para compartilhar, questionar e reinventar histórias que os conectam. O ator baiano Antônio Pitanga será o homenageado desta edição, com a exibição do seu filme “Malês”.

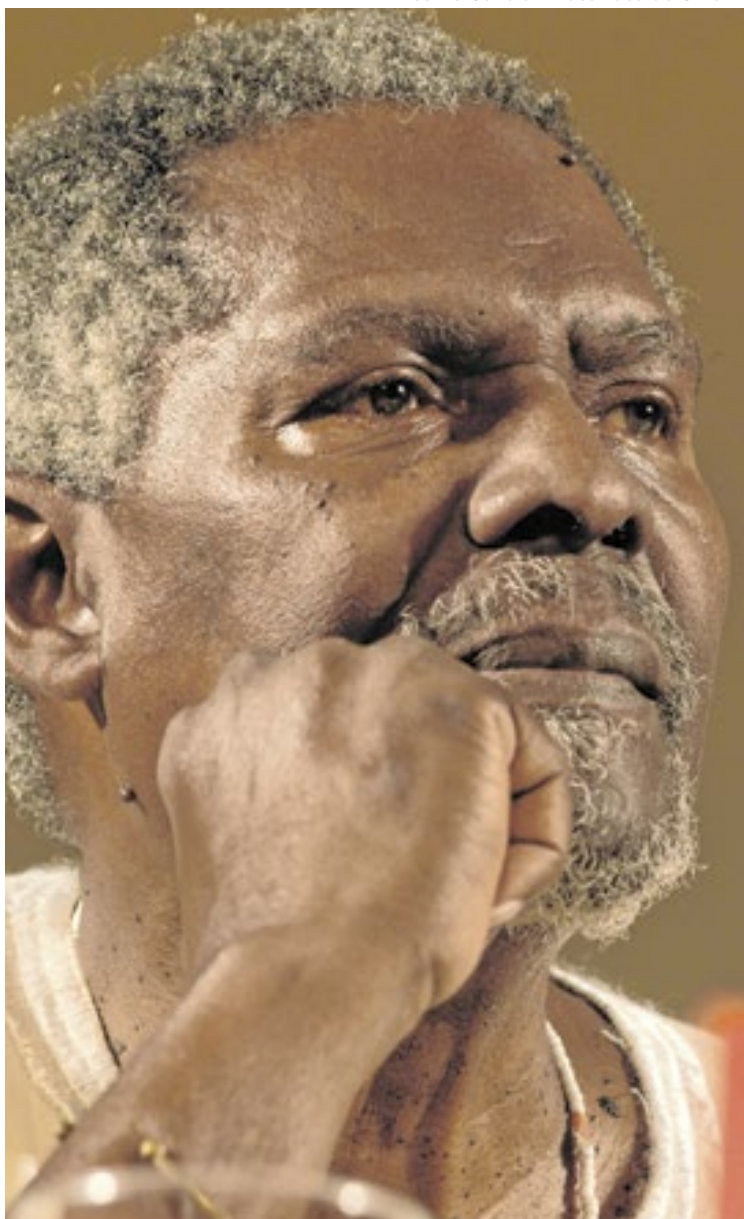
Dentre as grandes novidades da programação, estão a janela de filmes de/sobre povos indígenas e uma MasterClass do filósofo indígena, Ailton Krenak, compartilhando as perspectivas sobre a ancestralidade e as lutas em comum. Além disso, o cineasta Joel Zito Araújo lançará a série Cadernos Negros com o minicurso Cinema Africano Contemporâneo.

O objetivo da formação é auxiliar a criar bases artísticas, estéticas e narrativas, para futuros projetos de cinema. Ele sintetiza duas décadas de pesquisas, viagens, encontros, afetos e memórias do cineasta Joel Zito Araújo sobre o cinema africano.

O Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, nesta edição, rece-

# Zózimo Bulbul presente!

Acervo Centro AfroCarioca de Cinema



**Oriundo do CPC da UNE, Zózimo Bulbul foi ator, cineasta e roteirista cuja obra é essencial para a valorização da cultura negra no Brasil**

beu mais de 400 filmes inscritos e 128 obras de cineastas brasileiros, africanos, caribenhos e de outras diásporas foram selecionadas para exibição. Durante o Encontro também serão oferecidas 15 atividades formativas.

“Nossa curadoria coletiva reuniu profissionais de diversas áreas da cultura e foi movida por temas como memória, ancestralidade,

família, amores diversos e questões LGBTQIAPN+, buscando expandir horizontes e aprofundar as narrativas que entrelaçam o passado, o presente e o futuro”, explica Biza Vianna, diretora-presidente do Centro AfroCarioca de Cinema e viúva do cineasta, morto em 2013.

O Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul é realizado pelo

Centro AfroCarioca de Cinema, e este ano reforça parcerias importantes com o continente africano com a Federação Pan-Africana de Cineastas (FEPACI) e a Aliança Pan-Africana de Roteiristas e Diretores (APASER). Biza reforça o compromisso com a história e o trabalho de Zózimo em prol do cinema negro.

“Nosso compromisso com o legado de Zózimo Bulbul permanece firme em cada detalhe deste Encontro. Suas contribuições para a valorização das produções negras e sua visão de aproximação com a África continuam a iluminar nossos caminhos. Com isso, fortalecemos parcerias fundamentais”, pontua Biza.

A 17ª edição do Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul também reservou um espaço para receber convidados de honra, como é o caso de Cheick Oumar Sissoko, uma das figuras mais icônicas e respeitadas do cinema africano contemporâneo. Cineasta maliano, Sissoko é internacionalmente reconhecido por sua habilidade única de mesclar a narrativa visual com as questões políticas, sociais e culturais que marcam profundamente o continente africano.

Vitor José, diretor de comunicação e um dos gestores dos projetos do Centro AfroCarioca de Cinema, celebra também a expressiva marca de mais de 1000 filmes exibidos nas 16 edições do Encontro e lembra ainda que Zózimo foi um visionário ao dar corpo para o evento, trazendo para o centro das discussões questões cruciais como o racismo e a importância das contribuições históricas da comunidade negra na construção do Brasil.

“Hoje, a sua memória e o seu legado continuam guiando os nossos passos, inspirando as gerações

futuras a continuarem na luta pela justiça e pelo reconhecimento. Ao longo de 16 anos de sucesso, o Encontro de Cinema Negro iluminou nossas telas com mais de 1000 filmes do Brasil, da África, do Caribe e de outros cantos da Diáspora. Nada menos do que 700 sessões permitiram que mais de 200 diretores africanos, 40 dos Caribes, 50 de outras diásporas e 500 diretores brasileiros compartilhassem sua visão com o mundo”, detalha Vitor.

O Encontro do Cinema Negro Zózimo Bulbul é uma plataforma de intercâmbio, um lugar de partilha de ideias e perspectivas. Aqui, cineastas e aspirantes a cineastas, sejam do Brasil ou de outros lugares, se reúnem para conectar, colaborar e cultivar uma comunidade cinematográfica que transcende fronteiras.

Zózimo Bulbul era o nome artístico de Jorge da Silva - ator, cineasta, produtor e roteirista. Exponente da cinematografia afro-brasileira nas décadas de 1960 e 70, fez da história do povo negro no Brasil o seu caminho através do cinema.

Fundado em 2007 por Zózimo, o Centro AfroCarioca de Cinema é pioneiro como espaço de pensamento e construção dos novos rumos do cinema e, mais especificamente, do cinema negro no Brasil. Seu trabalho vai além da realização das mostras de cinema eglobando processos de formação, capacitando e lançando gerações de cineastas através de oficinas, pitchings, seminário, pesquisas de novas linguagens e tecnologias e acervo de memória. Em 17 anos já foram formadas mais de 2 mil pessoas.

## SERVIÇO

### ENCONTRO DE CINEMA NEGRO ZÓZIMO BULBUL

De 18 a 25/10

Cine Odeon (Praça Floriano, 7 - Cinelândia)

Museu do Amanhã (Praça Mauá, 1 - Centro)

Museu de Arte do Rio - MAR (Praça Mauá, 5)

Entrada franca

Programação completa:

<https://linktr.ee/afrocariocadecinema>

afrocariocadecinema

**INFANTIL****REPRISE**

\*O grupo Roda de Palhaço apresenta seu espetáculo baseado que mistura música e palhaçada na construção das cenas criadas a partir de reprises clássicas de circo. Sáb (19), às 14h. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

**ANDEJO**

\*Inspirado na vida nômade dos circos, o espetáculo apresenta leitura contemporânea da técnica de duo acrobático aliada à dança. Até dom (20). Sáb e dom (16h). Centro Cultural Espaço Tâpias (R. Armando Lombardi, 175 - Barra). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

**KYSHA E MINE: LANCE DE ESCOLA**

\*Após esgotarem todas as sessões no Norte Shopping em dois finais de semana seguidos, o musical chega à Ilha do Governador. Sáb (19), às 17h. Areninha Cultural Renato Russo (Praça Manuel Bandeira, Cocotá). R\$ 90 e R\$ 45 (meia).

**OS TRÊS PORQUINHOS, UAI!!!!**

\*A montagem propõe uma abordagem leve e divertida do clássico literário, valorizando aspectos identitários brasileiros. Teatro dos Quatro (R. Marquês de S. Vicente, 52). Sáb e dom (16h). até 27/10. R\$ 90

**SHOW****SAMBAY**

\*Evento pioneiro por incluir a comunidade LGBTQIAPN+ no universo das rodas de samba. O cantor Rodrigo Drade recebe os convidados WD e Kinnie. Dom (20), a partir das 17h. Terrasse Rio (Av. Alm. Silvio de Noronha, 300 - Glória). Grátis

**PIQUE NOVO**

\*O grupo Pique Novo mostra seus maiores sucessos. Sex (18), às 23h, no Bar do Zeca Pagodinho do NorteShopping (Av. D. Hélder Câmara, 5332 - Cachambi). R\$ 30

**MAIS DO MESMO**

\*Conhecida por seus covers da Legião Urbana, a banda carioca apresenta show dedicado à obra de Renato Russo interpretando clássicos da Legião e de sua carreira solo. Sáb (19), às 21h. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). A partir de R\$ 55



Reprise

# Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Pique Novo

**TEATRO****FANTASIOSA EXPOSIÇÃO DA PALAVRA**

\*Num mundo dominado por emojis, imagens e outros símbolos qual o futuro da palavra? Esta é a pergunta central do solo com Cecilia Ripoll. Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Visconde de Silva, ao lado do nº 29 - Humaitá). Até 20/10, sex e sáb (19h) e dom (18h). Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

**ELIS, A MUSICAL**

\*Um passeio pela trajetória artística e pessoal da inesquecível cantora com interpretação das atrizes/cantoras Laila Garin e Lilian Menezes. Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 40). Até 3/11. qui e sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (15h e 19h). Entre R\$ 21 e R\$ 280



Gabi Netto/Divulgação



Sambay

Caio Galucci/Divulgação



Elis, A Musical

Divulgação



O Fuxico

### A ÚLTIMA SESSÃO DE FREUD

\*A trama apresenta um encontro fictício entre Sigmund Freud, o pai da psicanálise, e o escritor e poeta C.S. Lewis, dois intelectuais que influenciaram o pensamento científico filosófico da sociedade do século 20. Até 20/10, sex (20h), sáb (17h e 20h) e dom (17h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 21 (meia) e R\$ 140

### UM LUGAR ONDE A VIDA ACONTECE

\*Neste monólogo a atriz Helena Varkaki reúne vivências suas e também de mulheres que estão chegando à casa dos 60 anos, revelando no palco suas angústias e expectativas. Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Até 22/12, de qui a sáb (20h) e domingos (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Divulgação



Lago dos Cisnes no Gelo

Divulgação



Arte de Código Aberto

## EXPOSIÇÃO

### MARTA ARRUDA: 40 ANOS DE ESCULTURAS

\*A artista plástica alagoana Marta Arruda transforma a dureza do material bruto em obras singulares de metal através de suas esculturas abstratas e painéis. Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38, Centro). Até 1/12, de ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Grátis

### FULLGÁS - ARTES VISUAIS E ANOS 80 NO BRASIL

\*Exposição coletiva apresenta mais de 300 obras de mais de 200 artistas de todas as regiões do país, além de documentos e objetos, que dão um panorama da década de 1980 no Brasil. Até 27/1, de qua a seg (9h às 20h). CCBB-RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

### ARTE DE CÓDIGO ABERTO

\*O artista visual carioca Vamoss liberou os códigos de suas obras digitais para permitir a interação dos visitantes por meio de QR Code. Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40). Até 25/10, de seg a sex (10h às 18h). Grátis

### DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO

\*O artista plástico Edmilson Nunes apresenta trabalhos feitos desde 2022. Real Galeria de Arte Contemporânea (Av. Princesa Isabel, 500 - Copacabana - dentro do Real Residence Hotel). Até 31/1, de segunda a sexta (12h às 17h). Grátis

## EVENTO

### O FUXICO

\*A tradicional feira de moda e artesanato promove edição especial inspirada na Oktoberfest e acrescenta um toque germânico ao evento com promoção de concurso de chopp na bota, programação musical diversificada e atrações gastronômicas variadas. Sáb e dom (19 e 20), das 12h às 20h. Parque Carmem Miranda, no Aterro do Flamengo (Av. Rui Barbosa).

### BARÃO FESTIVAL

\*Evento idealizado pela cineasta Rosandra Leone transforma a Rua Barão de Jacuí, no subúrbio de Oswaldo Cruz, em uma grande celebração da cultura produzida na periferia. A festa de rua reúne arte, moda, gastronomia, cinema e música. Sáb (19), a partir das 14. Grátis

## DANÇA

### LAGO DOS CISNES NO GELO

\*A Moscow Ballet on Ice é companhia russa que alinha a tradição do ballet clássico e a técnica de patinação no gelo em alta performance para apresentar clássicos da dança mundial. Sáb (19), às 21h30. Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo). A partir de R\$ 220 e R\$ 110 (meia)

### LÁ VEM ELA

\*Inspirado em Rita Lee - tanto nas músicas quanto na figura irreverente da cantora -, o espetáculo faz a sua primeira apresentação no Rio. Até 20/10, de qui a dom (20h30). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,40 (associado Sesc)

# Central no coração do Brasil



Walter Salles exhibe na maratona paulistana o comovente 'Ainda Estou Aqui', que pode levar o cinema brasileiro ao Oscar, de prosa com a literatura de Marcelo Rubens Paiva

Alile Dara Onawale/Divulgação



**O casal Paiva, Eunice e Rubens (Fernanda Torres e Selton Mello) são atropelados pela ditadura em 'Ainda Estou Aqui'**

Laureado com o Urso de Ouro de Berlim por "Central do Brasil", em 1998, e indicado três vezes à Palma Dourada de Cannes, Wal-

ter ficou 12 anos distante dos longas de ficção depois de "Na Estrada" ("On The Road", 2012), exercício de imersão na prosa beatnik de Jack Kerouac (1922- 1969). Nesse hiato, lançou o .doc "Jia Zhangke, um Homem de Fenyang" (2014). É pelas vias da literatura que ele regressa às veredas ficcionais agora,

dialogando com o romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva.

Roteirizado por Murilo Hauser e Heitor Lorega, "Ainda Estou Aqui" é um drama ambientado em 1971, em 1996 e em 2014 (entre saltos temporais elegantemente editados pelo montador Affonso Gonçalves), com fantasmas dos anos de Chumbo no escopo.

"Minha geração chegou ao cinema após 21 anos de ditadura militar, de 1964 a 1985. Muitas histórias não puderam ser contadas durante esses anos de chumbo. Teria sido lógico abordá-las, mas o desastre do governo Collor no início dos anos 1990 nos obrigou a lidar com uma realidade imediata de um país novamente em crise. Daí, no meu caso, 'Terra Estrangeira' e depois 'Central do Brasil'. Quando a extrema direita começou a ganhar força no Brasil, ficou claro o quanto nossa memória dos anos de ditadura militar era frágil", lembra Salles, em entrevista por e-mail ao Correio da Manhã.

Produzido por Maria Carlota Bruno ("No Intenso Agora") e Rodrigo Teixeira ("A Vida Invisível"), "Ainda Estou Aqui" começa com o registro da vida apaixonada dos Paiva: Eunice (Fernanda Torres) e Rubens (Selton Mello, em devastadora performance). Os dois vivem no Rio com as filhas e o filho (no caso, o jovem Marcelo, que viria a escrever o cult "Feliz Ano Velho"). Tudo muda para eles no dia em que Rubens é levado por agentes do governo à paisana. Eunice vai fazer de tudo para saber o destino de seu marido. Em sua batalha, é obrigada a se reinventar e cursar Direito, a fim de brigar na Justiça contra um Estado de farda.

Fernanda Montenegro entra em cena vivendo Eunice em idade avançada, numa sequência que rasga qualquer coração. Um dos pontos mais fortes do filme é a metuculosa fotografia de Adrian Tejjido. No elenco coadjuvante, Carla Ribas e Dan Stulbach têm atuações luminosas.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**C**olecionando prêmios, elogios e catarses populares desde setembro, quando conquistou a láurea de Melhor Roteiro no Festival de Veneza, "Ainda Estou Aqui" promete inundar o saguão do Espaço Augusta de lágrimas na tarde desta sexta-feira, quando será exibido às 17h10 na 48ª Mostra de São Paulo, consagrando o desempenho colossal de Fernanda Torres e de Selton Mello em terras brasileiras.

Escolhido como representante nacional na briga por uma vaga na corrida ao Oscar de 2025, o novo longa-metragem de Salles passou pelo Festival de San Sebastián, na Espanha; pelo Festival de Pingyao, na China; pelo (todo-poderoso) Festival de Toronto (TIFF), no Canadá; pelo Festival de Nova York; e pelo BIFF, em Londres.

Tem sua estreia comercial no país apontada para 7 de novembro. Em terras paulistanas, haverá mais uma sessão dele na Mostra neste sábado, às 21h10, também no Espaço Augusta.

## Palmas para a Palma de Cannes

Sábado é dia de Palma de Ouro na Mostra: "Anora" passa às 21h10, no Reserva Cultural. Sean Baker, antes conhecido por "Tangerina" (2015) e "Projeto Flórida" (2017), entrou pro Panteão do cinema de autor ao conquistar a honraria máxima de Cannes com uma espécie de Cinderela do avesso.

Hilariante e frenético, seu filme pode ser chamado de comédia e pode ser encarado como um marco do cinema indie americano. Sua trama acompanha as con-

fusões com as quais uma profissional do sexo, Ani (vivida por Mikey Madison), que dança num clube privê, acaba sendo envolvida depois de se casar com um jovem milionário russo.

"Esse filme é para todas as trabalhadoras do sexo", disse Baker, na Croisette, onde levou plateias às gargalhadas a partir de um redesenho das noções de princesas, príncipes encantados e prazer fugaz. Na segunda, a Mostra projeta o longa de novo, às 20h45, no Cinesesc. (R. F.)



'Anora': conto de fadas ao contrário

# O Poderoso Chefão VEM AÍ



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Entre suas diferentes vindas ao Brasil, onde bebericou caipirinhas no Rio e deu entrevista a Jô Soares na Globo, Francis Ford Coppola sempre causou estrondo, dado o prestígio que somou numa carreira coroada com o Oscar e com duas Palmas de Ouro. No próximo dia 30, o diretor de “O Poderoso Chefão” (1972) vai estar aqui de novo, para buscar o Prêmio Leon Cakoff, um troféu honorário oferecido pela Mostra Internacional de Cinema de São Paulo a mestres. Será o desfecho do evento e ele vai exibir seu tão falado (amado por uns, defenestrado por outros) “Megalópolis”.

A superprodução de US\$ 120 milhões foi financiada pelo próprio realizador de 85 anos com o lucro de suas vinícolas. Apesar do recente convite ao “cancelamento” pelo qual passa, acusado de condutas indecorosas com figurantes, o cineasta promete sacudir os brios da plateia paulistana com uma experiência narrativa centrada no ideal da metrópole perfeita.

De todos os indicados à Palma dourada de Cannes deste ano, o concorrente que mais chamou atenção e mais mobilizou apostas foi



**Francis Ford Coppola bancou a produção de ‘Megalópolis’ do próprio bolso (com os lucros de suas vinícolas) e vem encerrar a Mostra no dia 30, na Cinemateca**

esse épico idealizado há quatro décadas e meia. Foi em 1977 que o artesão por trás de “Apocalypse Now” (1979) começou a trabalhar no projeto, que foi paralisado em meio a suas muitas intempéries financeiras até ser retomado em 2019, com filmagens realizadas de 2022 a 2023. Originalmente, o enredo teria Paul Newman (1925-2008) como seu protagonista. Depois, falou-se em Kevin Spacey. Acabou

que o papel principal ficou com Adam Driver. Ele interpreta Cesar Catilina, um arquiteto Prêmio Nobel, tratado como cientista desde que inventou uma substância chamada Megalon, para salvar sua mulher da morte. É com esse elemento químico, capaz de paralisar o Tempo, que ele almeja criar uma NY perfeita, apesar de o alcaide do local, Cícero (Giancarlo Esposito), discordar de seus atos.



**Adam Driver ficou com o papel que seria destinado a Paul Newman e Kevin Spacey quando Coppola tentava filmar seu ambicioso longa**

A peleja deles é narrada com muita experimentação e até com imagens documentais. Num dado momento da projeção na Croisette, uma pessoa subiu no palco e se dirigiu à tela, de modo a contracenar com o material filmado. É um exercício do chamado “cinema ao vivo”. A pessoa simulava ser um entrevistador que se dirigia a Cesar, na tela, numa conversa tridimensional. Todo o roteiro faz referência explícita ao Império Romano, desde os nomes dos personagens até diálogos em latim na narração feita por Laurence Fishburne.

Apesar da criatividade inegável desse plot, “Megalópolis” fez uma passagem controversa pela Côte d’Azur, sem criar consensos. É um exercício autoral de risco absoluto, mas que beira a extravagância, resvalando no excesso e até na caricatura. Apesar disso, sua dimensão poética é inegável. A música de Osvaldo Golljov é um dos raros pontos em que a fita não gera dissonância de opiniões, assim como a atuação de Esposito. Agora resta saber como São Paulo vai reagir a Coppola, que veio ao Rio em 2010, lançar “Tetro”.

## Fantasma **senegaleses**

Divulgação

Nesta sexta-feira, uma sessão no Cinesystem Frei Caneca 3, às 13h, de um longa senegalês chamado “Demba” promete arrebatrar fãs pela via da suavidade com que o cineasta Mamadou Dia mescla afetos familiares com sombras políticas de chagas coloniais.

Na trama, com elementos fantasmagóricos, Demba (Ben Mahmoud Mbow) está às vias de se aposentar e busca mudar sua rotina, a fim de cicatrizar a dor da morte da mulher com que viveu por anos a fio. Sua necessidade de reinventar sua relação com seu filho vai



**‘Demba’ mostra o enfrentamento do luto numa família senegalesa**

trazer fantasmas à tona.

“Hollywood atraiu a atenção do mundo para a África, com ‘Pantera Negra’, mas o faz e o faz só falando de reis e rainha, deixando de lado os aspectos da vida cotidiana, como o enfrentamento do luto”, disse Mamadou ao Correio da Manhã, na Alemanha, onde o longa foi projetado na Berlinale.

Uma nova sessão dele em São Paulo está marcada para o dia 21, às 13h, agora na sala 6 do Cinesystem Frei Caneca, na grade da Mostra. (R.F.)



O campo de trabalhadores retratado por Xiaoshuai em 'Acima da Poeira'

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**M**esmo deixado de fora da disputa pelo Urso de Ouro, exibido em solo germânico na seção Generation, "Acima da Poeira" ("Above The Dust") atropelou o último Festival de Berlim, em fevereiro, com seu olhar sobre a infância e a adolescência numa China assombrada pela ação nem sempre empática do estado. Conhecido no circuito brasileiro por "Bicicletas de Pequim" (2001), Wang Xiaoshuai, seu realizador, assina a direção desse drama geracional eivado de debates sociais com os olhos voltados para o que se passa na cabeça de um garoto de 10 anos. Depois da Berlinale, o filme chega ao Brasil, na Mostra de São Paulo, onde faz sua estreia neste do-

## Interditos de hoje numa China de ontem

Boicotado por seu governo, o diretor Wang Xiaoshuai esgarça limites entre imaginação e realidade ao falar da infância em 'Acima da Poeira', expondo imposições estatais de seu país

mingo, às 21h45, no Cinesystem Frei Caneca 4.

"É difícil para uma criança estabelecer fronteiras entre a fantasia e a realidade ao avaliar um contexto no qual se sente oprimida. Já eu, um homem na casa dos 60 anos, tenho a obrigação civilizatória de me isentar do que é imaginário e me aferrar no que são evidências concretas,

sem licenças líricas. A interseção que eu busco nesse filme está na aproximação do meu olhar ao de um menino que olha curioso para o que desconhece... e reage", diz Xiaoshuai ao Correio da Manhã, numa ala da Berlinale Palast.

Na trama, o pequeno Wo Tu sonha ter uma pistola d'água num campo de trabalhadores que sofre

um processo de desapropriação de bens pelo governo. Esse desejo vai levá-lo a exóticas ações, que envolvem seu avô, um ancião à beira da morte.

"As medidas da infância sobre o mundo, com suas licenças poéticas, ganham um contorno econômico na perspectiva que eu trago nesse filme, ao ancorar os devaneios de

um garoto em um território no qual medidas governamentais interferem sobre a vida. No meu relato, há uma intervenção pública regida pela ação do dinheiro. Ela se confunde com a história que Wo Tu cria em relação a sua arminha de plástico", diz o cineasta, que, em 2019, comoveu plateias com "So Long, My Son", hoje disponível na plataforma MUBI ([www.mubi.com](http://www.mubi.com)).

É um doído painel das transformações sociais da China, da década de 1980 em diante, a partir da experiência afetiva de um casal devastado pelo luto, decorrente da morte de um filho, ainda criança, nas águas de um canal. Foi um longa que custou ao diretor um boicote público.

"Não sei se 'Acima da Poeira' será lançado no meu país, pois a China não gosta que se fale de seu passado e eu não aceito autocensuras, nem travas de gênero, o que me leva a filtrar caminhos folhetinescos", disse Xiaoshuai ao Correio. "O melodrama lida com a dor a partir de causas. Não exploro as causas da dor. Eu estudo suas consequências".

Tem mais projeções de "Acima da Poeira" na Mostra. Rola sessão nesta quarta, às 17h30 na Cinemateca Brasileira, e no dia 26, às 19h45, no Sato Cinema.

## DICAS DO FIM DE SEMANA NA MOSTRA DE SP

POR RODRIGO FONSECA

**ESCUTE AS VOZES ("Kouté Vwa")**, de **Maxime Jean Baptiste (Guiana Francesa)**:

Produção vencedora do Prêmio Especial do Júri de Locarno. Numa estrutura

de docudrama, a narrativa rastreia os passos de Melrick, um menino de 13 anos, vai passar as férias de verão com a avó, Nicole, em Caiena, na Guiana Francesa. A presença do garoto —que sonha em tocar bateria— a faz lembrar do filho, Lucas, que também tinha paixão pelo instrumento e morreu há 11 anos. Em meio ao luto que assombra a família e ao desejo de vingança do melhor amigo de Lucas, Melrick busca o próprio caminho para o perdão. Onde: Circuito SPCine Olido, sexta, às 18h



Divulgação

**TUDO O QUE IMAGINAMOS COMO LUZ ("All We Imagine As Light")**, de **Payal Kapadia (Índia)**: Laureado com o Grande Prêmio do Júri de Cannes, esta cartografia de sororidades em uma Mumbai fotografada sem o colorido retinto de Bollywood, narra a reinvenção sentimental de Prabha, uma enfermeira que sai de um casamento e recebe uma surpresa de seu ex. Ao lado dela está a jovem Anu, que busca intimidade com seu namorado numa metrópole imparável e feroz. Onde: Cinesystem Frei Caneca 1, sábado, às 13h



Divulgação



Divulgação

**VERMIGLIO**, de **Maura Delpero (Itália)**: Ganhadora do Grande Prêmio do Júri de Veneza, esta imersão nos últimos meses da II Guerra Mundial, no território dos Alpes italianos, acompanha a explosiva relação afetiva entre um soldado desertor e a filha de um professor, num contexto de ruína familiar. Onde: Cinemateca Espaço Petrobras, domingo, às 16h20

CRÍTICA / FILME / O MANÍACO DO PARQUE

# Aconteceu, virou manchete

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**É** contra a máxima de Luís Fernando Veríssimo - “Às vezes, a única coisa verdadeira num jornal é a data” - que incorre as ações de Elena, a protagonista de “Maníaco do Parque”, um thriller nacional que prometia ser um “filme de monstro”, mas acerta muito mais como “filme sobre jornalismo”.

Exibido no encerramento do Festival do Rio, como degustação para o lançamento na plataforma Amazon Prime, nesta sexta-feira, o longa-metragem aposta na tensão ao travar diálogo com a lição de Gabriel García Márquez (1927-2014): “A ética deve acompanhar sempre a reportagem, como o zumbido acompanha o besouro”.

O que mais eletrifica o roteiro escrito por L. G. Bayão, a partir de pesquisa da jornalista investigativa Thaís Nunes sobre fatos reais, é o exercício da notícia como prática questionadora de juízos morais. Juízos esses que tornaram absolutos valores relativos e relativizaram o quão absoluto é o valor da vida.

Maurício Eça (do vigoroso “Apneia”) é um cineasta que aposta, muitas vezes, no perspectivismo, vide o díptico “A Menina Que Matou Os Pais”/“O Menino Que Matou Meus Pais” (2021), demarcando para si a linha autoral de um olhar que põe certezas em xeque. Cada imagem criada por ele nos leva a um precipício reflexivo, como comprova sua deliciosa chanchada marxista “Vai Ter Troco”, de 2023. Nem sempre o que seus personagens fazem correspondem às crenças que eles parecem seguir, uma vez que seu cinema supõe desafiar aparências, explorando dese-



Divulgação

*Em feroz atuação, Silvero Pereira vive o assassino que assombrou o Brasil nos anos 1990*

jos que a palavra não dá conta.

Aportar essa inquietação estética ao pragmatismo do ofício de repórter - uma artesanaria pautada na arte da escuta, mas assombrada por manuais de redação e vaidades - é um convite a uma discussão sobre o que está por trás de um lead (o que, quem, quando, onde e por que): o bem-estar da sociedade ou o aumento das vendas de jornais. No caso de Elena, existe um outro (e urgente) componente: o desvelamento de hipocrisias sexistas.

Condenado a dois séculos e meio de prisão (numa pena que, legalmente, pode se extinguir já, já), o paulista Francisco de Assis Pereira, hoje com 56 anos, foi capturado após uma série de (11) assassinatos e uma leva de (23) ataques a mulheres, entrando para a História como um dos maiores feminicidas do país. Eça reconstituiu seus crimes escalando um ator em estado de graça, Silvero Pereira, para o papel principal. Sua atuação é dialética (como o filme): ele sabe ser feroz

e vulnerável, destrutivo e linear. O eixo central de sua composição na escrita de L.G. Bayão é a busca por visibilidade.

A besta-fera que Francisco é age em nome da consagração, de ter seus assassinios publicados nas páginas do jornal. Lembra-se (de imediato) do desempenho de Michael Rooker em “Henry: Retrato de um Assassino” (1986), cult de John McNaughton no qual um serial killer se deleitava na impunidade para buscar na morte alheia a sublimação de seus impasses. Como ele, o Maníaco do Parque de Silvero também se deleita com as loas e luta para ter um controle (pleno) das situações em que se envolve.

Numa genealogia do suspense feito em terras brasileiras, a figura delineada na dramaturgia de Bayão e Eça evoca o ferrabrás vivido (na TV) por Matheus Nachtergaele em “Lira Paulistana” (episódio do “Brava Gente” de 2001) e o universo febril criado por Claudio Cunha no filmaço “Snuff, Vítimas do Pra-

zer” (1977).

É a imagem do predador disfarçado de servo feliz. Francisco (Silvero) é o motoboy produtivo e disponível que encobre sua bestialidade com a cabeça baixa da dinâmica capitalista numa São Paulo onde ninguém tem tempo de olhar (e de se importar com) o próximo. Ninguém menos Elena, figura que a atriz Giovanna Grigio (de “Perdida”) sabe esculpir com muitos declives, falésias e inquietudes, numa interpretação madura, (auto)crítica que - nos moldes da cartilha de Eça - se contradiz muitas vezes, expressando o sentimento de desconforto de sua personagem diante de uma dinâmica profissional engessada.

Da mesma forma como fez no obrigatório “Motorrád” (exibido no Festival de Toronto de 2017), Bayão escreve as sequências violentas necessárias a uma trama horrorífica explorando a fúria das criaturas (no caso, Francisco) sem pornografia gore: os ataques estão em cena, num ritmo taquicárdico, mas são

conduzidos sem excessos, numa linha precisa da direção de Eça. Ou seja, vemos Francisco atacar e matar, mas a câmera se concentra mais do ódio em seu olho do que no sangue. Por outro lado, como fez no recente “Aumenta Que É Rock’n’Roll”, também ligado ao jornalismo, o scriptwriter L. G. (de notável domínio do pop) abre mão das sutilezas e deixa a palavra fluir ao desenhar a figura de Elena, apoiado no talento de Giovanna. É no verbo que ela combate Francisco. Por isso, “Maníaco do Parque” - na fina edição de Gustavo Giani - dá pleno valor ao fluxo da imagem nas situações de ação, mas não teme a onipresença do diálogo em cena, valorizando as discussões de sua heroína com seu editor-chefe (Marco Pigossi, numa atuação rascante, de sutil ironia) e com seu colega veterano (o sempre preciso Bruno Garcia, numa esgrima com o escárnio).

Esses dois parceiros de redação são essenciais para dar a “O Maníaco do Parque” o tom de “O Silêncio dos Inocentes” (1991) que ele tem. No cult com Jodie Foster e Anthony Hopkins, a agente Starling só encarava o canibal Lecter de frente pelo vetor impositivo de seu superior, que superestimava sua potencial fragilidade, num senso machista. O editor interpretado por Pigossi faz o mesmo quando pede a Elena que explique, numa investigação jornalística, o que uma mulher atropelada pelo marido fez para merecer a (má) sorte que teve. É a fagulha que acende nela o desejo de questionar a invisibilidade da voz feminina numa imprensa arcaica. A batalha dela contra o Norman Bates de SP não é para dar cara ao vilão e, sim, para emprestar holofotes às vítimas.

Essa batalha tira “Maníaco do Parque” do lugar comum e o aproxima de uma linhagem de dramas sobre o papel social de uma manchete, como se vê tanto na ficção, em “A Montanha dos Sete Abutres” (1951), como no .doc, em “Amigo Secreto” (2022). Sua abordagem é pelo medo. O medo de um matador... o medo do silêncio.

## CRÍTICA / FILME / O APRENDIZ

Divulgação

Por Inácio Araújo (Folhapress)

**E**is um filme estranho. Em princípio, “O Aprendiz” existe para narrar a juventude de um trapaceiro, Donald Trump, e o aprendizado de todas as trapaças e imoralidades do mundo. Seu mestre é ninguém menos que Roy Cohn, advogado que ficou famoso como uma espécie de braço direito do senador Joseph McCarthy, líder do que ficou famoso, no pós-guerra, como a caça às bruxas.

Cohn não é um homem sem princípios. Ao menos um ele tem: o mundo é um lugar hostil, no qual é preciso lutar com todas as armas disponíveis, do ataque incessante à mentira idem. Em suma, a única coisa importante é vencer, não importa por que meios.

O fato é que o jovem Trump precisa livrar a empresa do pai de uns tantos processos movidos pelo governo. Cohn, que detesta a palavra Estado e a proteção aos pobres implícita nessa palavra, assume a causa e, ao mesmo tempo, adota Donald como aprendiz. Ganha o processo usando de chantagem contra o governo, os juizes ou quem fosse necessário dobrar.

Os liberais - ou comunistas, como os chama Cohn - podem se dobrar de ódio, mas esse é o código moral de Cohn, Trump e seguidores. Essa biografia é feita, de certa maneira, como denúncia do modo de agir da extrema-direita, nos Estados Unidos e no resto do mundo.

No entanto, um problema se coloca: a tudo o que Trump e Cohn fazem não falta eficácia. Os fins, normalmente egoístas, justificam os meios, aliás normalmente sórdidos.

Então lança-se a dúvida: se os métodos de Trump foram avalizados ao menos por uma grande força política, o Partido Republicano, se mal ou bem tudo deu certo, por que outras extremas-direitas igualmente



Sebastian Stan e Jeremy Strong têm atuações primorosas como o jovem Donald Trump e seu grande mentor, o inescrupuloso Roy Cohn, em ‘O Aprendiz’

# Atores são o essencial da diversão

racistas e autodenominadas libertárias não deveriam tomá-los por exemplo?

Então, essa advertência quanto a certo tipo de comportamento, na vida pública ou na pessoal, pode muito bem tornar-se uma espécie de elogio de um vale tudo que se esconderia sob a palavra liberdade, o que seria “aparentemente” o inverso do pretendido por Ali Abbadi, diretor do filme, e sua equipe.

Dito isso, essa biografia vale essencialmente pela interpre-

tação de seus dois atores principais. É certo que a maquiagem deve ter ajudado muito na composição de Sebastian Stan como o jovem Trump, mas habitualmente essas biografias que buscam imitar perfeitamente os traços do biografado são insuportáveis.

No caso, não é a semelhança o que mais conta, mas a maneira como Stan se apropria de certos gestos e inflexões características de Trump, que ressaltam a ambição desmedida, o enriquecimen-

to como fim moral desejável e o egoísmo.

O filme explora bem dois aspectos contrastantes: o irmão, desprezado pelo pai porque é um simples piloto de avião (ele chega a chamá-lo de algo como chofer de ônibus voador), e o próprio pai tirano, com quem Donald manterá sempre uma relação de amor e ódio - é ele, afinal, o filho que fez aquilo que o pai sonhou fazer. O pai se orgulha de um filho que o despreza.

Já Jeremy Strong cria um Roy

Cohn notável, em que o essencial não é tanto a aparência física, como a maneira implacável que, por olhares, palavras e gestos, faz de Trump um aprendiz exemplar de seus métodos implacáveis. Mais tarde, essa gesticulação e esse olhar se transformarão bastante, quando, em dado momento, descobrir que Trump é capaz de traí-lo sem qualquer dor de consciência, ou seja, seguindo à risca seus ensinamentos.

O interesse de “O Aprendiz” se restringe, é preciso observar, aos ensinamentos que a trajetória de Trump pode trazer, seja a seus admiradores da extrema-direita, seja a seus adversários. Para quem for atrás de prazeres cinematográficos, os atores são o essencial da diversão, num conjunto prejudicado pelo fato de os métodos de Trump já serem bem conhecidos.

Ainda assim, dado o enorme peso que tem esse tipo de pensamento não só na política como no cotidiano, ninguém dirá que se trata de um filme sem sintonia com o presente.

Filtro de Barro/Divulgação



Sova Fermentação Natural

Por **Natasha Sobrinho (@restaurantsto\_love)**

Especial para o Correio da Manhã

**E**m 16 de outubro é comemorado o Dia Mundial do Pão! E nós, do Correio da Manhã, não poderíamos deixar a data passar em branco. Veja um roteiro com cinco padarias cariocas em que você pode encontrar desde o tradicional pãozinho francês até as versões feitas com massa de longa fermentação. Confira abaixo:

**ARTESANOS BAKERY** - Um verdadeiro paraíso para os apaixonados por pães artesanais. A marca, comandada pelo casal de boulangeries Mariana Massena e Ricardo Rocha, já tem seu sucesso consolidado há cinco anos, no Rio de Janeiro. O casal empreendedor preza pela excelência do atendimento, ambiente e, principalmente, dos insumos de qualidade. A casa oferece diversos tipos de pães como: o croissant amanteigado (R\$ 12); a french toast de Nutella (R\$ 23) – feita no brioche de longa fermentação, recheada com Nutella e grelhada na manteiga; a porção de Piccolo Formaggio (R\$ 12 – 3 unidades); a rabanada brioche (R\$ 14) – feita no brioche de longa fermentação e grelhada na manteiga. Av. Genaro de Carvalho, 1.435 – Recreio. Tel: (21) 99467-1111.

**GRÂU ARTESANAL** – Especializada em pães com 100% de fermentação natural e produzidos na casa, a padaria nasceu pelas mãos do casal Sergio Balaj e Elaine Condor. “Somos verdadeiros apaixonados por gastronomia e sabíamos que o bairro do Leblon precisava de um local onde a pessoa pudesse comprar pães de qualidade, tomar um café no meio da tarde ou fazer um lanche”. Entre as opções de pães estão: a baguete calabresa (R\$ 20), a baguete integral (R\$ 12), grãos (R\$ 13), cacau (R\$ 39) e cúrcuma com avelã (R\$ 28). Av. Salvador Allende, 3360 – Barra da Tijuca. Tel: (21) 2010-5265.

**FIGS & CO** - No Dia Mundial do Pão, a padaria artesa-

Divulgação



Figs &amp; Co

# Quem quer pão?

Veja um roteiro com cinco padarias cariocas, em homenagem ao Dia do Pão

Divulgação



Talho Capixaba

Diana Cabral/Divulgação



Grâu Artesanal

nal, na Barra da Tijuca aposta em uma seleção criteriosa de insumos, assinadas por chefs franceses. Exemplo disso é a farinha orgânica utilizada na sua panificação e confeitaria, que vem de um moinho do interior da França. A massa, por sua vez, conta com fermentação natural que pode chegar até 36

Divulgação



Artesanos Bakery

horas. Entre as criações, merecem destaque: o Croque Monsieur (R\$ 20) – Pão Petrópolis, queijo, presunto e molho béchamel, gratinado no forno; o Fougassé (R\$ 14) – feito com massa folhada artesanal e recheio cremoso de frango e o Sourdough (a partir de R\$ 32) – pão tradicional fermentado naturalmente, com interior aerado e casquinha crocante, disponível nos recheios natural, calabresa ou com azeitona. Para os paladares mais tradicionais, o menu conta ainda com diversas opções de Brioche (a partir de R\$ 17) – pão amanteigado, com interior macio e crosta dourada, disponível nos sabores tradicional, goiabada ou amêndoas com gotas de chocolate. Av. João Cabral de Mello Neto, nº 850 – Loja D, Barra da Tijuca WhatsApp (21) 99728-2134.

**TALHO CAPIXABA** - Com mais de seis décadas de história, a casa foi inaugurada inicialmente como açougue, no Leblon, em 1958. A partir de 2000, guiada pela paixão da segunda, liderada pelo empresário Beto Abrantes, se tornou uma das pioneiras nos pães de fermentação natural na cidade. As lojas oferecem mais de 25 tipos de pães produzidos em fornadas diárias, desde o mais tradicional pão francês (R\$ 26,10/Kg), até opções de fermentação natural, como o Levain Clássico (R\$ 51/Kg) e a Baguete Tradição (R\$ 57,60/Kg). Entre as especialidades da padaria está o Croissant (R\$ 11,50 unidade); o Pão levain integral (680g - R\$58,50); o Pão de fôrma 9 Grãos (R\$ 66,20/Kg); e o Brioche (R\$ 79,20/Kg). Av. Ataulfo de Paiva, 1022. Tel: (21) 2512-8760.

**SOVA FERMENTAÇÃO NATURAL** - A padaria em Copacabana, especializada em produtos de fermentação natural, destaca-se pela produção de pães sem uso de conservantes ou aditivos químicos. João Ferraz, um dos fundadores, comanda a área de panificação, de onde saem Sourdough (R\$ 6,50 - duas fatias), a Baguete (R\$ 9,50 - inteira, cortada ao meio), o Croissant (R\$ 14) e o NY Roll, disponível nos sabores chocolate, creme ou pistache (R\$ 15,90). Rua Xavier da Silveira, 34 – Copacabana. Tel: (21) 2147-7158.



# Ataca novamente outra vez

**E** se eu morresse naquele instante, como diria Odorico: “de morte morrida”, como seria? Viajei. Uma multidão de pessoas acompanhando o féretro, alguns de chapéu na cabeça, outros com a careca sem cabelos à mostra. Algum amigo, mais afoito, gritaria com a boca: “vamos bebemorar o morto!”. Caixas de Jack Daniel’s, sanduiches de tender com abacaxi do Cervantes, beliscos da Tasca do Edgar e música do DJ Marlboro – todo trabalhado em Big Boy, para dar o acabamentoo final.

Horas tantas, como sempre dizia meu querido Carlos Leonam, com todos já para lá de Marrakesh, Sumatra, Calcutá ou ali na esquina, Penélope Charmosa e Gato Félix, pedindo a palavra, num discurso emocionadamente abalado, apoteoticamente inflamado (fica a dica), declamariam, proferindo lindas palavras: “Senhoras e senhores!”: Carlos Monteiro, tenho certeza, compareceu, aqui, pessoalmente contra vontade.

Juntamente com suas câmeras fotográficas, objetivas, lentes, tripés e notebook, nunca exigiu monopólio exclusivo das “Alvoradas Cariocas”, nunca ganhou nada grátis – todos os



prêmios foram pelo mérito da excelência e da competência, a não ser este velório, de primeira linha.

Nunca teve qualquer preconceito intolerante. Suas criações eram sempre novas por quaisquer país do mundo que passasse. Sempre soube dividir, em duas metades, do mesmo tamanho e iguais, seu coração com os amigos, quiçá com os

inimigos. Anexou junto sua história como jornalista, publicitário e, principalmente, fotógrafo.

Ruy e Helô leriam trechos de “Carnaval no Fogo” e “A Noite dos Olhos”, respectivamente na devida ordem aqui posta. Seriam aplaudidos de pé pelas mãos de todos juntos em conjunto uníssono!

O professor Pasquale, enunciaria várias composições, compostas por vários autores como ‘auxílio luxuoso’ às foto-crônicas. Prosseguiria com: “Praxes acadêmicas?, Pleonasmos?, Vícios literários?, Vícios de linguagem?, Perissologia?, Redundância?, Repetição desnecessária?, Tautologia?, Perífrase?, Circunlóquio?, Rodeio?, Circunlocação?, Verborragia?, Logorrea?...” em conclusão final ao seu discurso: “Caríssimos; todas juntas afogaram nosso querido amigo!”

Uma goteira no teto incansável na arte dos cliques da fotografia, vá em frete adiante, desligue o elo de ligação, vá na luz brilhante, vá no Sol Astro-Rei!

No epitáfio estaria escrito, impresso, cinzelado à cinzel na pedra: “Aqui jaz Carlos Monteiro; morreu sufocado por pleonasmos; descanse na concórdia da paz!”



# De exílios e pandemias

Lançado na Flip, primeiro romance de Juliana Monteiro explora olhar estrangeiro

Patrick Grosner

Por Rudolfo Lago

Desde 2014, a jornalista e escritora Juliana Monteiro vive em Roma, na Itália. Quando em 2020, a pandemia de covid-19 alastrou-se pelo país, ela pôde assistir aos trágicos cortejos de caminhões que transportavam os corpos das vítimas pela cidade.

Na semana passada, durante a Feira Literária de Paraty (Flip), Juliana lançou seu primeiro romance, “Nada Lá Fora e Aqui Dentro”, pela editora Patuá. O romance tem como personagem uma brasileira, Loretta, que vive em Roma, e perde sua mãe para a covid-19.

Em entrevista ao Correio da Manhã, Juliana Monteiro alerta que param um pouco por aí as coincidências entre a história que conta e a personagem que criou. Seu ro-

mance de estreia, garante Juliana, não é autobiográfico.

“Muita gente pergunta se há algo de autobiográfica na história. O que é natural, já que a protagonista é uma ítalo-brasileira, que tem dois filhos e passa a pandemia em Roma”, diz Juliana, que não é ítalo-brasileira, mas mora na Itália e é mãe de Gael e Anita. “Claro que os olhos que viram a pandemia que descrevo são os meus e eu uso dois ou três episódios que vivi, mas não é um romance autobiográfico”. Juliana prefere responder como Gustav Flaubert a respeito de Madame Bovary: “Loretta sou eu. Mas todos os demais personagens do livro são eu também”.

“As mulheres fazem tanta ficção quanto os homens. E os homens dependem tanto do seu corpo sensível quanto nós na sua construção”.



Impacto da covid-19 marcam o romance de estreia de Juliana

## “Estrangeiria”, uma das obsessões

Desigualdades e injustiças do “mundo hostil que habitamos”

Assim, “Nada Lá Fora e Aqui Dentro” é uma história de ficção. Mas que conversa com os temas e sensibilidades de Juliana, como acontece com qualquer escritor, seja mulher ou homem. E um desses temas é o que Juliana chama de “estrangeiria”, o olhar estrangeiro sobre a vida e a cultura de um país.

Para qualquer pessoa que vive num país estrangeiro, esse olhar sempre gera certa ambiguidade. A forma de enxergar o mundo a partir do lugar em que se vive ganha contornos diferentes. Ju-

liana nunca verá a Itália como um italiano. E passa a enxergar também o Brasil, o país em que nasceu, de uma forma diferente. Longe na distância, mas sempre próxima no coração.

O tema da “estrangeiria” era já o foco principal do livro anterior de Juliana, “Ao Brasil, com Amor”, uma troca de cartas entre ela e o jornalista Jamil Chade, correspondente do portal UOL em Genebra, na Suíça. As cartas foram trocadas durante a pandemia. E nelas os dois observam o



Divulgação

Capa de “Nada Lá Fora e Aqui Dentro”

mundo a partir de seus postos de estrangeiros.

“Escrevi com Jamil enquanto desenvolvia o romance”, conta Juliana. “Sem dúvida, os dois livros trazem algumas das minhas obsessões. Cada um a seu modo tem uma forte pegada política e muitos temas se repetem pois são as questões que me cercam e que

eu interrogo com minha escrita. O corpo, o amor, a estrangeiria, as desigualdades e injustiças, os propósitos, o mundo hostil que habitamos, especialmente quando vivemos em um corpo de mulher”, descreve ela.

“Mas talvez certa esperança presente no primeiro livro tenha se transmutado em desi-

lusão no romance. Escrevi com Jamil movida por uma forte convicção de que a pandemia iria transformar radicalmente nossos modos de vida, o que não aconteceu. O livro novo certamente traz essa decepção”.

“A estrangeiria e a noção de pertencimento são questões caras para mim”, explica Juliana. “Mais uma vez, por meio da minha protagonista, olho o Brasil de longe e apaixonadamente. Relativizo a distância que me separa do lugar onde nasci ao mesmo tempo em que interrogo de que matéria é feita a saudade e as medidas que nossos corpos usam para calcular distâncias”.

De volta a Itália depois pela passagem pelo Brasil, na qual fez uma noite de autógrafos na sua cidade natal, Brasília, antes da Flip, Juliana aguarda agora a repercussão de seu primeiro romance, já pensando no próximo. “Volto com a mala cheia de livros e o coração aquecido pelo afeto dos meus”, conta ela.

**TEATRO****Espectáculo com Eduardo Wotzik**

\*Considerado um dos mais representativos artistas do teatro brasileiro, com mais de 45 anos dedicados à investigação da cena, Wotzik traz ao nosso tempo a cientista política Hannah Arendt (1906-1975). Nesse seu mais novo espetáculo, o qual atua, dirige e assina a autoria, compartilha, em tom bem-humorado, ideias, pensamentos, experiências e filosofias da aclamada pensadora. Sucesso absoluto nos teatros do Rio de Janeiro e dos CCBBs Belo Horizonte e São Paulo, o espetáculo chega ao DF para temporada de 17 de outubro a 3 de novembro. Os ingressos, à R\$ 30 (a inteira), já estão disponíveis.

**“Humaníssima Trindade”**

\*Ambientada no Nordeste do país, a encenação conta com recursos cênicos, música e movimento para narrar esse encontro que fica dividido pelo confronto entre os sonhos e a realidade. A peça foi premiada no 2º Fest Caras, em agosto de 2024, nas categorias Melhor Direção (Jéssica Ranny), Melhor Atriz Coadjuvante (Duda Busche), Melhor Ator Coadjuvante (Daniel Queiroz), Melhor Maquiagem, Melhor Sonoplastia e Melhor Esquete por Júri Popular. Acontece na Casa dos Quatro - 708 Norte, sábado (19) e domingo (20). Entrada gratuita.

**“PAI NOSSO”**

\*Um dos mais expoentes espetáculos teatrais do Distrito Federal em 2024, PAI NOSSO está de volta em uma nova e curtíssima temporada no Espaço Semente, no Gama. Produção do Coletivo ARAR - Afeto, Resistência e Arte, este é um monólogo de Geise Prazeres que nos convida a uma reflexão profunda sobre a humanidade. As apresentações serão no Espaço Semente (Gama), nos dias 18, 19 e 20 de outubro; sexta e sábado às 20h e domingo às 19h. Classificação Indicativa: 14 anos.

**Franz Kafka e Max Brod**

\*O espetáculo é inspirado em carta de Kafka a Max, pouco antes de sua morte, pedindo que ele queimasse sua produção até então não publicada. Porém, ao invés de atender ao pedido do amigo, ele providenciou a sua publicação. Decisão que fez com que a genialidade de Kafka ficasse conhecida interna-



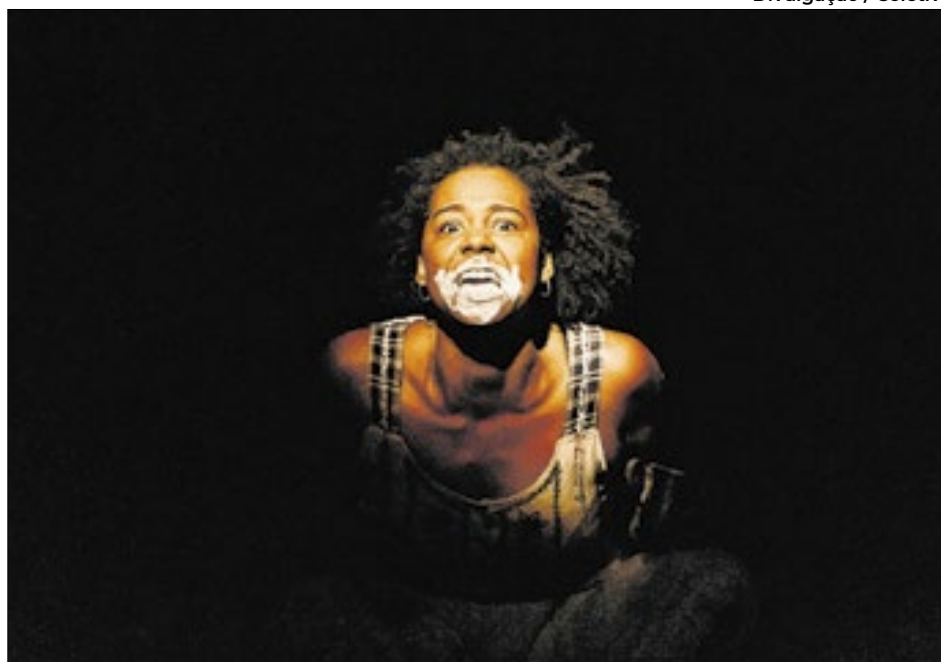
*Eduardo Wotzik vive Hannah Arendt no CCBB*

# Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA CORREIOCULTURAL@GMAIL.COM

Divulgação / Coletivo



*PAI NOSSO faz curtíssima temporada no Gama*

cionalmente. Acontece dias 26 e 27 de outubro - no Teatro UNIP.

**SHOW****ElisPluralElis**

\*Os fãs de Elis Regina terão a oportunidade de conhecer histórias surpreendentes sobre uma das maiores cantoras do país, no espetáculo ElisPluralElis, 03/11 (domingo), às 18h, no Infinu (CRS 506 - bloco A - Asa Sul). Ingresso único: R\$ 30,00.

**Brasilidade Castellana**

\*No dia 2 de Novembro, a Casa Evanio será palco de uma experiência musical única, unindo as culturas brasileira e hispano-americana. O show intitulado “Brasilidade Castellana” reúne o cantor

Divulgação

**ElisPluralElis: espetáculo inédito**

Divulgação

**Performática Drag 2024 abre inscrições**

Divulgação

**Diva do jazz comemora 80 anos**

e compositor Oldd Simao e a talentosa cantora Donna Dona, em uma celebração das músicas em português e espanhol.

**Uma diva do Jazz**

\*A compositora, pianista, arranjadora e educadora Elenice Maranesi escolheu fazer um concerto especial para comemorar os 80 anos de uma vida musical. Uma das referências do jazz no país, Elenice sobe ao palco do CTJ Hall, hoje (18), em uma apresentação gratuita, às 20 horas no CTJ Hall da Casa Thomas Jefferson da 706/906 Sul.

**Luiza Martins**

\*Hoje (18), Luiza Martins marca presença na reinauguração do ManiGastrobar, em Brasília, para levar uma apresen-

Vicente de Mello

**Paisagens Ruminadas de Luiz Zerbini**

Divulgação

**"Cantorias e Versos" no DF**

tação especial ao público da capital. A cantora, que se destaca como uma das grandes revelações do sertanejo atual, chega com seu repertório de sucessos, incluindo músicas dos seus dois álbuns solo, e o recente hit Playlist Safada, que já soma mais de 2,8 milhões de reproduções no Spotify. Os ingressos estão à venda no site Sympla.

**EXPOSIÇÃO****Paisagens Ruminadas**

\*Referência na arte contemporânea e expoente da chamada Geração 80, o artista brasileiro Luiz Zerbini apresenta uma vasta, multifacetada e inovadora coleção de séries de trabalhos inovadores, de beleza inegável e que deixa uma marca importante no

cenário artístico nacional e internacional. Amplamente reconhecida por sua ornamentalidade, em geral figurativa e com incursões no abstracionismo geométrico, a obra do artista permeia cenas, paisagens, formas da natureza, miragens e reflexões em pinturas de colorido intenso. Acontece até o dia 10 de novembro nas galerias 02, 03 e 05 do CCBB. Classificação indicativa: livre e entrada gratuita.

**Exposição de Rubem Valentim**

\*Considerado um dos mestres do construtivismo brasileiro e conhecido pelas composições geométricas com emblemas afro-brasileiros, o pintor, escultor e gravador baiano Rubem Valentim tem o legado exposto no espaço Cerrado Cultural, projeto de expansão da Cerrado Galeria. A mostra segue em cartaz até 1º de novembro com estrada gratuita ao público.

**PROJETO****Performática Drag**

\*A Performática Drag está com inscrições abertas até 31 de outubro para a Performática Drag. A mostra de arte transformista, realizada pelo Distrito Drag, seleciona 20 artistas para se apresentar na edição de 2024 da mostra, que será realizada em 7 de dezembro. Cada pessoa selecionada participa de uma mentoria para o desenvolvimento de sua performance e recebe cachê de R\$ 1.200,00. A Performática tem em sua essência o aprimoramento de conceitos artísticos por meio das sessões com os mentores, que são as drag queens Linda Brondi (DF), Aloma Divina (BA) e Shannon Skarlet (RJ).

**Cultura nordestina com "Cantorias"**

\*O Distrito Federal se torna palco da cultura nordestina por meio do projeto Cantorias e Versos, propondo eventos gratuitos para valorizar o Repente, a Literatura de Cordel, a música nordestina e a declamação de poesia cabocla. Com apoio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal, a ação de participação de artistas renomados, o projeto busca fortalecer a identidade cultural local e promover a inclusão, oferecendo atrações acessíveis para o público. O Cantorias e Versos segue com uma programação que inclui cantorias de repente, declamação de poesia cabocla e música de raiz.

# De Brasília a Oslo

Companhia de dança de Planaltina representa Brasil e o DF em festival na Noruega

Por Mayariane Castro

A Transições Companhia de Dança e Artes, criada e residida em Planaltina, se tornou a primeira companhia de dança do Distrito Federal a fazer parte do Coda, festival internacional de dança contemporânea em Oslo, capital da Noruega. O grupo foi um dos selecionados do edital Programa Conexão Cultura DF, ofertado pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal.

A companhia, que hoje é referência no cenário cultural do DF, foi contemplada com o recurso advindo do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) para o seu primeiro intercâmbio cultural internacional. O diretor e idealizador da companhia explica que o grupo já realizou outros trabalhos do gênero com apoio do fomento. A Transições



Divulgação

Grupo levou para Noruega danças e ritmos brasileiros

## Intercâmbio de dança e cultura

Companhia projeta novas viagens internacionais no ano que vem

Lehandro Lira acrescenta que este não é o único projeto internacional da Transições, e que o próximo ano será recheado de intercâmbios e trocas entre grupos. Ele afirma que haverá outras tentativas de levar outros integrantes do grupo a outros destinos pelo mundo para levar a arte e a cultura popular brasileira para o mundo e outros palcos.

Vivências

Kênia Cavalcante, uma das integrantes da companhia, parti-

cipante da viagem, comenta que foi requisitada por participantes do evento para ensinar algum estilo de dança brasileiro. Nas redes sociais, a bailarina postou um vídeo onde ensinava forró para um norueguês e outro onde ela e os outros integrantes do grupo presentes dançavam por uma projeção de imagens sem música e algumas pessoas paravam para assistir.

A Cia Transições não foi apenas para estar presente no evento,



Divulgação

Frevo e outras danças brasileiras em Oslo

mas também aproveitou a oportunidade para levar parte do trabalho da companhia de danças populares brasileiras para outro continente. Kênia enfatiza como o trabalho do grupo é visivelmente marcante e que a identidade visual artística do grupo marca onde o trabalho é levado, sendo extremamente característico e lembrado.

“Seja por uma blusa que representa um espetáculo nosso, seja por uma maquiagem, um cabelo, mesmo que seja algo pequeno para nós, para eles é algo muito grande e admirável. Andando pelas ruas, mais de uma pessoa me parou para elogiar os ‘baby hairs’ que eu havia arrumado e o aplique que usamos para dançar a coreografia que eu estava repre-

já viajou duas vezes para a cidade do Recife, capital de Pernambuco, berço das inspirações e trabalhos da companhia.

“É olhar pra trás com muita emoção e muito zelo pelo caminho que trilhamos, pela jornada que tivemos até chegarmos onde estamos hoje. A vontade era de poder levar o grupo inteiro junto nessa experiência única e especial que tivemos” relatou o diretor Lehandro Lira.

“Hoje contamos com um elenco de mais de 20 pessoas e fomos apenas quatro nesta primeira vez. É surreal, é sem palavras conseguir descrever essa oportunidade, essa viagem que a gente conquistou com muito trabalho e luta. Isso é só uma das provas de que a arte e a dança abrem portas incríveis e únicas para nós que somos artistas”.

sentado. O grupo sempre buscou se preocupar com as aparências porque sabemos que a primeira coisa que um desconhecido vê é a aparência antes de falar conosco, então é um cuidado necessário”, explicou a bailarina.

### Festival Coda

O Festival Coda foi criado em 2002 pelos coreógrafos Lise Nordal e Odd Johan Fritzøe e, atualmente, é o maior festival do gênero nos países nórdicos. O evento possui parceria com cinco instituições da cidade que buscam inovar e transformar a ocasião em um local onde a dança e as artes estejam presentes além do palco, com a inclusão de flashmobs, instalações pelo teatro e pelas ruas de Oslo, por exemplo.

Aos grupos que são convidados para se apresentar, a equipe explica que é possível apenas através de convites diretos após os diretores assistirem ao trabalho presencialmente.

Espectáculo performático com Eduardo Wotzik



PÁGINA 8 E 9

O romance de estreia de Juliana Monteiro na Flip



PÁGINA 5

Companhia de dança leva o DF à Noruega



PÁGINA 15

## 2.º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Realizado para celebrar a brasilidade no mês em que se comemora o Dia da Música Popular Brasileira (17 de outubro), o festival Clássicos do Brasil chega à segunda edição, de sexta a domingo (18 a 20) na Marina da Glória. O evento reúne nomes consagrados da MPB, do pop, do rock e do samba há gerações e artistas da nova cena musical que homenageiam e interpretam sucessos de ícones do rock e pop nacional. São mais de 20 horas de música com três dias de shows no palco montado em um dos cartões-postais da cidade.

O Clássicos do Brasil foi criado em 2023, com a proposta de celebrar as referências musicais das cinco regiões brasileiras por meio dos grandes clássicos das mais variadas vertentes da MPB. No primeiro ano, o Nordeste foi a referência. Em 2024, as atrações são predominantemente do Sudeste.

O festival marca o retorno do integrante dos Titãs, Branco Mello, aos palcos cariocas após um período de afastamento médico por conta de uma cirurgia nas amígdalas. Ele se juntará a Tony Bellotto e Sérgio Britto para apresentar o Show Elétrico 2024, que reúne os maiores sucessos da banda e do recente álbum, "Olho Furta-Cor".

O Ira! mostrará ao público canções marcantes dos seus 40 anos de estrada e Biquini Cavadao, que também celebra quatro décadas de carreira, apresentará o novo álbum "Vou Te Levar Comigo", lançado essa semana. O disco contempla duetos inusitados com Péricles, Guilherme Arantes, Fagner, Sidney Magal, Matheus & Kauan e Falanansa.

Samuel Rosa apresenta seu recente álbum solo, "Rosa", com canções novas como "Segue Segue o Jogo", "Rio Dentro do Mar" e "Flores da Rua", que atualmente faz parte da trilha sonora da novela Mania de Você (TV Globo).

Maria Gadú, que também canta na sexta, finaliza a turnê do quarto álbum "Quem Sabe



Fotos Divulgação

## Do samba ao rock... Do rock ao samba

Clássicos do Brasil chega à Marina da Glória com sua segunda edição focando em artistas do Sudeste

Isso Quer Dizer Amor". E domingo Alcione traz suas canções atemporais que embalam todos os tipos de público e Simone dá mais uma chance aos fãs de conferirem o show da turnê "Tô Voltando", que celebra os 50 anos de carreira da cantora.

### SERVIÇO

CLÁSSICOS DO BRASIL  
Marina da Glória (Av. Infante Dom Henrique, S/Nº)  
18/10: Julia Mestre canta Rita Lee (20h), Maria Gadú (21h30), Samuel

Rosa (23h) e Nando Reis (0h30) | 19/10: Ana Cañas canta Cazuzza (19h), IRA! (20h30), Biquini Cavadao (22h30) e Titãs (0h30) | 20/10: Tacy (16h), Alcione (18h30), Simone (20h) e Diogo Nogueira (21h30) | Entre R\$ 100 e R\$ 300

